

Queixas das multinacionais

Inflação acelerada, instabilidade política, ausência de normas definidas para a política de preços, reserva de mercado, falta de proteção às patentes e, principalmente, propostas à Constituintes que discriminam a empresa de capital estrangeiro são os fatores que estão afugentando as multinacionais e retardando as decisões de ampliar seus investimentos no Brasil. Esta é a opinião da Câmara Americana de Comércio para o Brasil, que se mostra especialmente preocupada com o empenho dos parlamentares em definir a empresa nacional e restringir a participação das companhias estrangeiras em novas áreas, além da informática, como a química fina.

Após o almoço que marcou sua posse como presidente da entidade, Christopher Lund disse que alguns fatores negativos aos investimentos são passageiros e que tem procurado difundir isso no Exterior. Entre esses fatores estão a inflação e a atual instabilidade política-econômica, o que Lund atribui à impossibilidade do exercício da democracia por 20 anos. "Se a democracia ficar e a economia se estabilizar, tenho certeza de que o Brasil se transformará no país mais atraente ao capital estrangeiro". Essa atração se dá, na sua opinião, pelo imenso mercado interno, recursos naturais, capacidade agrícola e pela infra-estrutura já instalada no País.

David Benadof, que transferiu seu cargo na Câmara Americana para Christopher Lund, acha que a simples leitura dos jornais brasileiros é suficiente para que a maioria das empresas suspenda seus programas de investimento. O ex-presidente da entidade acredita, também, que as multinacionais estejam recorrendo a seus direitos de remessa de lucro ao Exterior, não sempre usados anteriormente, para retirar do País o maior volume possível de recursos. Lund acha, porém, que a inflação acelerada é que está levando empresas estrangeiras a remeter capital ao Exterior. Esse dinheiro, na sua opi-



Arnaldo Fräschi

Benadof, Lund e Setúbal na reunião da Câmara de Comércio

nião, voltarão ao Brasil tão logo a moeda se equilibre. "O objetivo das empresas é apenas preservar os recursos da desvalorização."

INVESTIR MAIS

No final do ano, a conta entre investimentos e suspensão de aplicações deverá ser favorável ao Brasil, segundo David Benadof. "Vai-se investir mais este ano do que em 1986", garantiu. As empresas já haviam planejado, no passado, ampliar suas atividades no país, e seus projetos encontram-se em estágio de implantação irreversível. Só não foram concluídos antes porque houve falta de máquinas e equipamentos no ano passado e as importações foram retardadas.

O prognóstico de Benadof é confirmado pelo presidente das Empresas Dow e vice-presidente da Câmara

Americana, Richard Fieler. Ele informou que a empresa planeja investir, neste ano, US\$ 40 milhões. Talvez não atinja essa cifra, chegando a US\$ 35 milhões, porque a Dow não vem obtendo êxito com as importações de maquinarias.

A implantação de um eficiente sistema de proteção de patentes servirá para animar muitas empresas a aumentar seus investimentos, afirmou Benadof. Para ele, a garantia para as patentes é mais importante porque dá segurança para as empresas transferirem sua tecnologia para o Brasil. "Empresas como a Bayer, que investe em pesquisa US\$ 1 bilhão todos os anos, não deseja colocar em risco a sua tecnologia", afirmou. Até mesmo a reserva de mercado não assusta tanto as multinacionais quanto a falta de garantia para a propriedade industrial.